



Editorial

No dia 11 de outubro de 2012, estaremos celebrando os 50 anos da solene abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, anunciado pelo Papa João XXIII em 25 de janeiro de 1959 e por ele mesmo convocado no dia 25 de janeiro de 1961.

Da Capela Paulina, no Vaticano, às 8h30, começa a se formar uma procissão que parece surreal. Mais de 2.500 bispos provenientes de todos os cantos da Terra vão se dirigindo lentamente à Basílica de São Pedro. Quase toda a Igreja, “personificada nos seus pastores”, está reunida, anota Congar no seu Diário. É o dia em que muitos bispos compreendem plenamente a universalidade da Igreja. “Até aquele momento, tinha sempre pensado a Igreja como europeia. Ali, ouvimos diversas línguas e vimos os bispos de todo o mundo”, dirá o cardeal König, de Viena. Pela primeira vez depois do cisma do Oriente e da Reforma Protestante, observadores delegados de comunidades cristãs não católicas tomam parte num concílio, e sua presença terá um valor não só simbólico, mas de efetiva colaboração nos trabalhos conciliares.

Canta-se o *Veni Creator*, celebra-se a missa, entronizam-se os Evangelhos. O papa, então, pronuncia o discurso de abertura: “*Gaudet mater Ecclesia*”. O discurso mais esperado, mais longamente preparado e ponderado pelo papa.

“No exercício quotidiano do nosso ministério pastoral, ferem-nos às vezes os ouvidos insinuações de almas certamente ardentes de zelo, mas não munidas de superabundante sentido de discrição e de medida.